

O livro didático de Geografia e suas contribuições na formação da identidade nacional republicana.

RESUMO

A pesquisa realizada tem por objetivo analisar o pensamento do Dr. Carlos Augusto Valente de Novaes sobre o ensino de Geografia na obra “Geografia especial ou chorografia do Brasil” 5ª edição de 1923. A base teórica dessa investigação tem como referência Bobbio (1997), Sirinelle (2003), Moraes (2007), Lacoste (1989) Moreira (1987), Lencione (2009), Rocha (1997, 1996 e 2016), Orlandi (2020, 2013 e 1998), Boligian (2010), Carvalho (2012), Silva (2012), Ângelo (2014), entre outros. A obra de Geografia do Ensino Secundário do Dr. Carlos Augusto é um lugar de memória do seu pensamento sobre saberes e práticas geográficas a serem difundidos aos jovens nas instituições de ensino secundário no País. Homem de letras e ciências, natural de Cametá no Estado do Pará, projetou-se nacionalmente como político, médico, educador e escritor. Influenciado pelo positivismo considerava a Geografia uma ciência “*tão útil, tão instructiva e tão interessante*” para o conhecimento da Terra e de seus habitantes, afirmando que não há ninguém no mundo que não tenha necessidade de conhecê-la.

Palavras-chave: Geografia; Nacionalismo, Discurso, Nação, Livro didático.

ABSTRACT

The research aims to analyze the thoughts of Dr. Carlos Augusto Valente de Novaes on the teaching of Geography in the work "Geografia especial ou chorografia do Brasil," 5th edition from 1923. The theoretical framework of this investigation draws on references such as Bobbio (1997), Sirinelle (2003), Moraes (2007), Lacoste (1989), Moreira (1987), Lencione (2009), Rocha (1997, 1996, and 2016), Orlandi (2020, 2013, and 1998), Boligian (2010), Carvalho (2012), Silva (2012), Ângelo (2014), among others. Dr. Carlos Augusto's Geography work for Secondary Education is a repository of his thoughts on geographical knowledge and practices to be disseminated among young people in secondary education institutions in the country. A man of letters and sciences, born in Cametá in the state of Pará, he gained national prominence as a politician, physician, educator, and writer. Influenced by positivism, he considered Geography a science "so useful, so instructive, and so interesting" for understanding the Earth and its inhabitants, asserting that there is no one in the world who does not need to know it.

Keywords: Geography; Nationalism, Discourse, Nation, Textbook.

INTRODUÇÃO

O presente texto é o primeiro esboço de um projeto de pesquisa de doutorado que tem por objetivo compreender como o livro didático de Geografia, no contexto histórico e geográfico em eu foram produzidos, contribuiu com a formação da identidade nacional no período republicano.

Existe no livro didático uma série de discursos, explícitos, nas entrelinhas e misturados aos conteúdos que despertaram algumas questões a serem respondidas. Quais

ideologias fundamentam esses discursos? Qual o viés político e social que eles carregam?

Como o discurso nacionalista está colocado no livro didático? Quais símbolos e signos eles carregam? Tendo em vista que a obra foi produzida no período de construção da república. Todas essas questões formam a problemática desta pesquisa.

Estudar a história da Geografia é fundamental para a compreensão de sua construção e metamorfose, entretanto esse tipo de pesquisa ainda é incipiente. Os livros didáticos, não só os de Geografia, são produzidos com um viés político-ideológico-religioso-cultural, assim como quase tudo que é produzido pelo ser humano, compreender os discursos que foram propagados no advento da república é uma forma de compreender a sociedade hoje, pois somos reflexo desse período histórico.

É a Geografia a ciência/disciplina responsável por “apresentar” o mundo ao aluno, não só descrevê-lo, mas fazer o educando refletir sobre as relações desenvolvidas no espaço, sejam elas de poder (Território/Territorialidades), de afeto (Lugar/Espaço vivido) ou de pertencimento (Patriotismo/Nacionalismo), trazendo para o aluno o raciocínio geográfico.

Conforme Carvalho (2014), a construção da ideia de Estado-Nação, no Brasil, surge com o processo de descolonização, após a proclamação da independência do reino português, mas com estratégias de manter o território unido, com um idioma comum e com a implementação de escolas públicas. A Geografia escolar nesse período será fundamental para que os indivíduos reconheçam o seu território, para que eles compreendam as riquezas e a grandeza de sua terra, para que ele se reconhece como parte de uma nação eu começava a ser construídas, não mais como colônia, mas sim como um novo império.

É importante considerar que as ideias de construção da nação, até então, concentravam-se nas mãos de poucos letrados, muitas vezes, ainda no nível da literatura nacional. A consolidação destas e de outras estratégias de afirmação da nacionalidade vão ocorrer como uma nova formação de governo que têm suas primeiras movimentações a partir da década de 30 do século XIX e culmina com a proclamação da República em 1889.

A consolidação desse novo projeto de governo não significou, no entanto, a finalização desse processo, mas teve grande influência na criação dos símbolos nacionais, como a bandeira, o hino e outros que junto a Geografia, colaboraram na construção do sentimento nacional, que permanece até os dias atuais.

Conhecido por Dr. Novaes, este autor nasceu no município de Cametá, cidade banhada pelas águas do rio Tocantins. Filho do Tenente do exército João Baptista de Novaes e da dona Rosa Lima Valente de Novaes, não pertencia a uma família abastada, mesmo assim,

grças a uma ajuda do governo, formou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1887).

Figura 1 - Busto do Dr. Carlos Novaes



Fonte: Jornal “Rua do Ouvidor”, nº 57, 17 de junho de 1899, p. 01.

Após a formatura, retornou ao estado do Pará onde se dedicou à medicina e à magistratura. Como professor trabalhou em instituições de ensino, como o Lyceu Paraense (1886) e a Escola Normal (1886), nas disciplinas Geografia, História e Filosofia. Como escritor produziu obras sobre Geografia e Corografia do Brasil, História Natural, Física e Química. Como político projetou-se nacionalmente dos anos de 1893 a 1905.

Para Bobbio (1997), os intelectuais existem desde sempre e não apenas no final do século XIX, com o uso do termo “Intelectual” por Affaire Dreyfus, primeiro na França e depois por todo o mundo. Ele chama de intelectuais aqueles que em outros tempos foram chamados de sábios, doutos, *Philosophes*, literatos, *gens de lettre*, ou mais simplesmente escritores, e, nas sociedades dominadas por um forte poder religioso, os sacerdotes e clérigos (BOBBIO, 1997).

Estudar a História dos intelectuais ou a história das ideias, como também é conhecida, é fundamental para a compreensão da sociedade e dos seus movimentos que são ocasionados pelas influências destes sobre a comunidade. Colaborando com essa ideia,

Gramsci (1982) afirma que a trajetória do intelectual pode se tornar a monografia de uma época. Para Lucien Febvre (2012) uma biografia do intelectual pode ser apresentada como uma história da sociedade” (WASSERMAN, 2015).

Os intelectuais, associando suas ideologias ao poder político e econômico, exercem sua influência sobre as mentes dos sujeitos pela produção e transmissão de ideias, símbolos, divisões do mundo, ensinamentos práticos e mediante o uso da palavra (o poder ideológico é extremamente dependente da natureza do “ser humano” como animal falante) (BOBBIO, 1997).

Para Bittencourt (2020), as obras didáticas podem ser vistas e analisadas sob diferentes perspectivas, pois ocupa diferentes espaços na cultura escolar, sendo um deles o de mercadoria. As obras didáticas são um bem e possui um valor econômico agregado a ele e com o passar dos anos e o desenvolvimento de novas técnicas de impressão, diagramação, produção, fabricação e comercialização, que seguem a lógica do mercado, esse valor vem ficando cada vez mais alto.

Também pode ser percebido como um depósito de conteúdo escolar, sendo ele um suporte básico e sistematizador dos conteúdos elencados pelas propostas curriculares. Além disso é um instrumento pedagógico que direciona o ensino e com seus exercícios, questionários e sugestões de trabalho contribuem para o bom desenvolvimento da aula (BITTENCOURT, 2020).

O desconhecimento da história da Geografia e sua construção dentro do sistema educacional é um problema em si e o caminho para solucioná-lo está em entender os erros e os acertos que foram feitos ao longo da história, conforme a citação que segue. Genylton Rocha, em sua dissertação de Mestrado em Supervisão e Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP (1996), com o título: A trajetória da disciplina Geografia no currículo escolar brasileiro (1837-1942), afirma que:

A história da Geografia escolar brasileira, constatamos, tem sido sistematicamente relegada a segundo plano pela comunidade acadêmica, a mesma comunidade que tem buscado amiúde intervir nos rumos dado ao ensino desta disciplina, com um claro intuito de sanar os problemas por ela apresentados, sem, porém, buscar a fundo desvelar as origens destes problemas. Até mesmo os(as) próprios(as) educadores(as) que atuam com o ensino desta disciplina, pouquíssimo têm se preocupado com essa questão. É como se esta disciplina (bem como as demais) não fosse dotada de história (ROCHA, 1996, p. 02).

É indiscutível que nós, geógrafos(a) e professores(a) de geografia, tentamos há anos solucionar os problemas relacionados aos temas de estudo da ciência geográfica, com

definições e redefinições exaustivas do seu objeto e seus métodos de pesquisa, mas esquecemos de compreender como se construiu a história dessa ciência e como ela foi influenciada pelos intelectuais e ideias que a permearam ao longo da história.

Em suma, considero que o processo histórico é maestro na forma como a disciplina Geografia é ministrada hoje e penso que os problemas da indefinição de seu objeto, dos conteúdos de ensino, da necessidade de estar nas salas de aula e da importância dessa ciência na análise e produção do espaço, só serão entendidos e superados quando compreendermos o processo de construção da disciplina, de seus conteúdos, a formação de seus professores, a confecção e uso de seus materiais didáticos e outros, visto que este tem se perpetuado na história da disciplina.

METODOLOGIA

Nessa pesquisa, toma-se como referência o método Histórico Crítico que Marc Bloch apresenta no seu livro “Apologia da História ou ofício de Historiador”, publicado no Brasil em 2001. O autor destaca como o pesquisador deve se relacionar com os documentos, alertando-o para não tomar esses dados como verdades absolutas, mas também não as tratar como falsas logo de cara. É preciso ter cautela na análise.

A princípio, a ideia de Bloch é fazer com que o pesquisador desenvolva sensatez e perspicácia no trato com os documentos, desenvolvendo um senso crítico sobre as fontes. Esse senso crítico deve conscientizar o historiador a não fazer críticas baseadas unicamente no bom senso, que para Bloch (2001, p.90) seria “um composto de postulados disparatados e de experiências precipitadamente generalizadas”. Destaca o autor que a crítica não pode ser feita apenas pela crítica, alicerçada em “achismos” ou em investigações parciais dos vestígios.

A Análise do Discurso é uma metodologia produzida a partir da linguagem e da linguística que para Orlandi (2020, p. 13) surge como uma nova proposta de se estudar a linguagem, se preocupando efetivamente em compreender a língua em seu sentido, enquanto trabalho simbólico, constitutivo do ser humano e sua história.

Por esse motivo é que esse tipo de análise nos leva:

A conhecer melhor aquilo que faz do ser humano um ser especial com sua capacidade de significar e significar-se. A análise do discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o ser humano e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do ser humano e a realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana (ORLANDI, 2020, p. 13).



Nesse contexto, a análise do discurso leva em consideração o ser humano e sua história, fazendo com que essa análise se relacione com a sua exterioridade, visando “pensar o sentido dimensionado no tempo e no espaço das práticas do ser humano, descentrando a noção de sujeito e relativizando a autonomia do objeto da linguística” (ORLANDI, 2020, p. 14).

Na análise do discurso, não se toma o texto como ponto de partida absoluto, nem de chegada. Um texto é só uma peça de linguagem de um processo discursivo bem mais abrangente e é assim que deve ser considerado. Ele é um exemplar do discurso (ORLANDI, 2020).

Para essa forma de análise foi escolhido o livro:

- Geografia especial ou chorografia do Brasil produzido por Carlos Novaes (1923) – Escolhida pela importância para as escolas paraense e brasileiras no período pré-republicano e pós-república.

Nesta obra, busca-se identificar temas e elementos que remetam ao sentimento de nacionalidade como a exaltação das terras brasileira, de suas riquezas hídricas, minerais, faunísticas e florísticas, ao valor e a diversidade de seu povo, a exaltação das construções humanas entre outros. Isso mostrará que a análise do discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com o ser humano falando, considerando a produção de sentido enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeito seja enquanto membro de uma determinada forma social.

Nesse contexto, a análise do discurso leva em consideração o ser humano, que nesse caso estão representados por suas obras geográficas, e o contexto de sua produção, o período pré e pós república, fazendo com que essa análise se relacione com a sua exterioridade (ORLANDI, 2020).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa ainda são preliminares, entretanto é possível observar que ao falar das cadeias de montanhas brasileira Carlos Novaes diz: “Talvez a mais forte muralha de gneiss primitivo do globo”. Outro exemplo é a menção ao monte Guararapes “celebre por duas vitórias alcançadas pelos insurgentes pernambucanos sobre os holandeses em 1648 e 1649”.

A respeito dos temas hídricos o comparativo com os rios de outros países para demonstrar sua grandeza é o que chama a atenção é a **comparação do Rio Amazonas com o**



Solo e barro da civilização egípcia ou do rio São Francisco que diz: **Tão grande como o Orenoco** (America do Sul) e o **Danubio** (Europa), **três vezes maior** eu o Tejo (Portugal), **um terço mais largo** que o Rheno (Alemanha)...”.

Nas observações sobre o clima encontramos: “O **vastíssimo território** do Brasil, abrangendo, por assim dizer todos os climas; **coberto de florestas**, ainda na maior parte virgens, ou de **campinas fortíssimas**, cortado de **imensos rios**, é **dotado de uma aberrade** espantosa, e é **riquíssimo de produtos indígenas** e exóticos”.

Dos recursos: “O Brasil possui **ricas minas** de ouro, prata, ferro, manganês...”. Possui **florestas virgens que abundam uma excelente madeira** de construção, marcenaria, tinturaria, plantas medicinais, têxteis, oleaginosas...”. “O **seu solo muito fértil** produz café, cana de açúcar, borracha, tabaco...”.

Sobre a Indústria: “Principal **fonte de riqueza** é a indústria agrícola, que se acha bastante desenvolvida...”. “A indústria de laticínios está **tomando grande incremento...**”. IO comercio do Brasil é **muito ativo e florescente...**”.

O discurso de valorização aparece quando ele fala sobre as terras desse continente, afirmando que uma de suas características principais são os solos úmidos e de uma “extrema fecundidade” e quando afirma que a natureza nessa região “Oferece traços magestosos” (NOVAES,1923). Ao trazer essa ideia de fecundidade, beleza e exuberância, o discurso busca fazer o encantamento de quem lê e o orgulho para quem pertence à nação.

Uma observação recorrente é o sentimento cristão - patriótico que se articula no discurso de nação do Dr. Carlos Novaes, que é fundamental para a consolidação da República brasileira, tendo em vista que o compêndio foi publicado pela primeira vez três anos após a proclamação da república do Brasil.

É evidente o amor pela pátria a partir da valorização da terra, do lugar enquanto espaço físico, pensamento que surge a partir da corrente de pensamento do progressismo, que dominou o século XIX. Nesse pensamento de base social, econômica e filosófica estavam os preceitos de progresso, nele entendido como o avanço tecnológico, o avanço científico, o crescimento econômico e o desenvolvimento social, elementos necessários à evolução da humanidade.

É a partir da Geografia que conceitos fundamentais como: país, pátria, território, lugar e outros são veiculados para fomentar no leitor o entendimento e o sentimento de pertencimento à nação. É por esse motivo que na consolidação da França e da Alemanha ela foi fundamental.

Os professores dessa disciplina estavam incumbidos de difundir nas escolas saberes que estivesse voltada para ordem e civilização dos povos, ao tratar desse tema, a



Geografia passava a estabelecer saberes definitivos que facilitasse o aluno na memorização dos termos científicos que são cobrados em formato de questionários.

Nota-se também a criação do sentimento de pertencimento e de posse daquilo que é do nosso continente. é possível notar na escrita do autor, em diferentes pontos as expressões “Nosso Hemisfério”; “Nosso Clima”; além de várias parte do texto que trazem o Brasil ao centro do debate. Da mesma forma percebe-se um regionalismo no Trabalho do Dr. Novaes, pois usa, em seus exemplos, cidades como Belém e Cametá – A cidade onde nasceu e a capital do seu Estado e em outras partes privilegiando os estados da região norte em seus exemplos.

Observa-se que os saberes mais abordados nos livros giram em torno da religião, da moral e da educação, visto que, ao tratar de todos os países traz grau de civilidade, sempre comparado ao modelo Europeu, as religiões que dominam, sempre dando preferências às definições e apresentação das religiões cristãs e a educação, mostrando o grau de instrução e a quantidade de escolas presentes naquela país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar dos resultados serem preliminares, já é possível perceber numa primeira análise que o livro didático de geografia enquanto apresentava os seus conteúdos estava incumbido de um discurso de elevação da pátria, de valorização dos recursos e da vastidão do território brasileiro.

Nota-se a busca de pelo discurso retirar o Brasil de sua imagem colônia para uma de primeiro plano, a partir de suas riquezas de suas industrias, de seu comercio, para que os cidadãos o vejam como um país de potencial, que vem crescendo e que ainda tem muito para mostrar. A demonstração do valor da Pátria por meios de seus recursos e território.

A sua obra carrega as ideias positivistas de civilidades. Quando o autor fala sobre educação, sobre a sociedade e a diferença entre os povos ele faz isso com base no grau de civilidade de cada um e os classifica de sociais e selvagens, esse mesmo discurso pode ser percebido nos textos de Comte, em Kant e em outros intelectuais.

Essa ideologia de civilizado e selvagem não é mais aceita hoje, tendo em vista que as sociedades se desenvolvem de forma diferente e constroem seus hábitos, culturas e costumes de acordo com as suas vivências, não havendo um padrão para isso.

Estudar o intelectual, não nos revela apenas sobre ele, mas também sobre a construção de toda uma sociedade. O seu discurso dissemina ideias que podem encaminhar



decisões políticas, sociais, econômicas e outras. Entender o intelectual e a função que ele ocupa na sociedade é compreender os rumos que os povos tomaram.

REFERÊNCIAS

Jornal Rua do Ouvidor, anno II, n. 58, Rio de Janeiro, 17 de junho de 1899. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 3 abr. 2020.

BITTENCOURT, C. M. F. **Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar**. Tese de doutorado. São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 1993.

_____. **O saber histórico na sala de aula**. 12. Ed. 5 reimpressões. São Paulo: Contexto, 2020.

_____. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BLOCH, M. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Edição anotada por Étienne Bloch. Apresentação à edição brasileira: Lilia Moritz Schwarcz. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BOBBIO, N. **Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea**. São Paulo: UNESP, 1997.

BOLIGIAN, L. **A cartografia nos livros didáticos e programas oficiais no período de 1824 a 2002: contribuições para a história da geografia escolar no Brasil**. 2010. 222 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2010.

BRAGA, T. **Noções de Corografia do Estado do Pará**. Belém. Imprensa Gráfica Amazônia. 1916.

CARVALHO, N. R. de. **Geographia do Brazil: a construção da nação nos livros didáticos de geografia da primeira República**. 209 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

LACOSTE, Y. **A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Tradução de Maria Cecília França. 2. Ed. Campinas, SP, Papyrus, 1989.

MORAES, A. C. R. **Geografia: pequena história crítica**. 21 ed. São Paulo: Annablume, 2007.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso – princípios e procedimentos**. 11. ed. São Paulo: Pontes Editores, 2020.

ROCHA, G. O. R. **A trajetória da disciplina Geografia no currículo escolar brasileiro (1837-1942)**. 1996. 297 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulos. São Paulo, 1996.

XV
ENAN
PEGE



ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA EM GEOGRAFIA

SILVA, J. M. **A bibliografia didática de Geografia: história e pensamento do ensino geográfico no Brasil (1814-1930...)**. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Federal de Uberlândia, MG, 2012.

VESENTINI, José William. Geografia crítica e ensino. In: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. (Org.). **Para onde vai o ensino de Geografia?** São Paulo: Contexto, 1994, p. 30-38.